



Ofício nº 008/2022

Florianópolis, 17 de março de 2022.

**Excelentíssimo Senhor Deputado Ivan Naatz,
Presidente da Comissão de Turismo e Meio Ambiente.**



Prezado Senhor Presidente,

Cumprimentando-o cordialmente, vimos por meio deste, em resposta ao respeitoso RQX/0289.2/2021 - Diligência Interna solicitado pela Deputada Marlene Fengler, fls. 07 (versão eletrônica) dos autos do PL 0069.0/2021 dizer o que segue:

Depreende-se dos autos que a relatora apontou a falta da documentação (**grifada**), conforme exigência dos arts. 4º e 5º da Lei nº 16.722, de 8 de outubro de 2015, que: "Consolida as Leis que conferem denominação adjetiva aos Municípios catarinenses", senão vejamos:

Art. 4º Fará jus ao Título a unidade municipal que comprovadamente contar com a característica, peculiaridade ou atividade apontada, quando da solicitação da denominação adjetiva.

§ 1º A comprovação far-se-á por meio de documentação que demonstre, de forma clara e ampla, a condição para a obtenção do título.

§ 2º A comprovação dos números de produção de atividade econômica será feita através dos dados oficiais disponíveis, especialmente os do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Art. 5º Não será concedido o Título ao Município que não apresente a devida característica, peculiaridade ou atividade, ou quando a denominação adjetiva já tiver sido concedida a outro Município por lei estadual.



Parágrafo único. A certidão negativa referente à denominação adjetiva de que trata o caput deste artigo, será emitida pela Coordenadoria de Documentação da Assembleia Legislativa.

Inicialmente, para fazer cumprir a exigência constante do §1º do art. 4º da Lei em comento, acostamos reportagens de jornais de Cerro Negro e região que atestam ser a confecção de laço de couro cru de forma artesanal, uma tradição local passada de geração para geração, que mantém viva não apenas a história da própria produção, como também põe o sustendo na mesa do artesão local, de diversas famílias da cidade.

A proposta visa dar visibilidade ao trançadeiro de laços de couro cru, que com suas mãos habilidosas, ao trançar o couro enlaça sua própria história, deixa no laço o seu DNA e na história de Cerro Negro essa tradição centenária.

Ademais, a ameaça tecnológica é verdadeira. Máquinas trançam laços em minutos. No entanto, o laço trançado à mão possui qualidade muito superior, o que não deixa a arte morrer.

Neste ponto, importante ressaltar que a atividade por ser advinda de uma cidade com uma população de cerca de quatro mil habitantes, não figura nos registros do IBGE que se baseia em dados mais abrangentes.

Ainda, conforme exigência do parágrafo único do art. 5º da Lei nº 16.722/2015 acosta-se aos autos a Certidão Negativa com a mesma denominação adjetiva a outro município catarinense.

Desse modo, julgamos cumprida a diligência interna, certos de que atendidos os requisitos legais a proposta se encontra apta a regular tramitação neste parlamento, objetivando exaltar e manter viva a tradição Cerronegrense de se trançar o laço de couro cru.

Atenciosamente,


Fabiano da Luz
Deputado Estadual





Agricultura é a base da economia do município de Cerro Negro

31 Agosto 2019 13:20:00

Ações têm conseguido tirar o nome do município da lista como um dos piores IDHs do estado

A maior parte da população do município de Cerro Negro vive na área rural, e mais de 80% vive da agricultura familiar. A pecuária também é uma das bases da economia, a soja e o milho são os grãos mais produzidos além do feijão. De acordo com o cadastro da Epagri, existem cerca de 700 propriedades rurais ocupando uma área de 23.844 hectares (ha), ocupadas pela agricultura e a pecuária no município. Além das tradicionais culturas agrícolas, existem outras plantações alternativas, mas também com grande destaque na economia, como a produção de morangos em larga escala, amora, kiwi, uva, e laranja, que contam com projetos de extensão da Epagri. Cerro Negro conta com o programa municipal Porteira Adentro, Lei 730/2017, que tem como objetivo auxiliar no desenvolvimento de infraestrutura, principalmente nas pequenas propriedades rurais do município.

A frota agrícola do município conta com tratores e demais implementos necessários para realizar as atividades agrícolas. Também conta com profissionais da Secretaria da Agricultura que prestam auxílio técnico para a população, como agrônomo, técnicos agrícolas e veterinários.

O município tem grandes áreas que podem ser exploradas tanto no interior com a agricultura, como na área urbana no setor industrial. A área industrial do município está em desenvolvimento e conta com projetos da prefeitura para a aquisição de novas áreas com infraestrutura para a instalação de novos empreendimentos.

Outras atividades que se destacam em Cerro Negro são os reflorestamentos, a indústria madeireira da região é um forte pilar da economia serrana. Uma outra atividade muito importante da economia na área rural é a confecção de laços de couro. Os "laceiros", como são chamados os fabricantes dos laços, carregam a tradição de realizar esse trabalho há muitos anos, um trabalho que passa de gerações. É praticamente um trabalho artesão, e sua qualidade é conhecida nacionalmente. Um trabalho praticamente todo informal, mas de total importância para a economia do município.

<https://jornalomomento.com.br/regional/cerro-negro/agricultura-%C3%A9-a-base-da-economia-do-munic%C3%ADpio-de-cerro-negro-1.2164169>





Superando desafios, famílias mantêm a arte de fabricar laços de couro



Published 2 anos atrás em 26/05/2019

Por Adeir Moraes



Tio Tonho mora em Cerro Negro, conhecido como a Capital Catarinense do Laço - Foto: Adeir Moraes

A navalha desliza suavemente no couro cru, resultando, aos poucos, num amontoado de tentos (tiras extraídas para a fabricação de laço). Os cortes têm de ser precisos para não estragar o material.

De tento em tento, o artesão Ademir Barbosa, de 42 anos, ganha a vida confeccionando laços de couro, ao mesmo tempo em que ajuda a manter viva uma tradição. A arte de trançar laço de couro sobrevive em meio ao desenvolvimento tecnológico industrial da modernidade.

Ademir aprendeu a confeccionar laço há 20 anos. Tudo começou quando trabalhava de açougueiro em um supermercado. Descontente com o salário, ele pediu um aumento, mas ganhou um “não” de seu chefe. Desapontado, pediu demissão e passou a se dedicar à produção artesanal de laço. “Quando fiquei desempregado, um amigo me deu uma força, aí comecei a trançar”, conta o artista.

Casado e pai de três filhos, o anitense vive com a família em uma casa no Bairro Santa Helena. Suas mãos habilidosas trançam, em média, um laço a cada dois dias. Todo o trabalho é feito no porão da casa do artesão, que tem clientes por todo o Brasil.

Cada peça é vendida por cerca de R\$ 750,00. “A produção vai para todos os cantos do País. Já vendi para a Bahia, Rio Grande do Sul e Paraná”, afirma o artista, que sustenta a família com o dinheiro desse trabalho.

O processo de produção é lento e trabalhoso. O primeiro passo é limpar o couro – retirada da gordura, pelo e toda sujeira. Após, a peça é esticada em estacas de madeira e exposta ao sol para secar. Posteriormente, o couro é colocado de molho na água para amaciar. O próximo passo é retirar os tentos para trançar o laço, muito usado na lida campeira e em torneios.



Com o couro amaciado, o artesão começa a cortar os tentos, usando uma faca bem afiada. O trabalho requer destreza, paciência e é demorado. O artista conta que demora em torno de dois dias para fazer um laço de seis tentos. Cada peça tem de cerca de 20 metros. “Não é fácil lidar com couro, mas gosto muito do que faço”.

Ademir conta que, por conta de exigências sanitárias, há cerca de quatro anos precisou mudar o sistema de produção. Ele preparava o couro no quintal de sua casa, porém, os vizinhos começaram a reclamar do mau cheiro, assim, ele passou a preparar o couro em uma chácara, na área rural do município. No porão de sua casa, hoje ele realiza apenas a retirada dos tentos e o trançado.

Cultura centenária

Trançar laço manualmente é uma atividade centenária, fortemente relacionada com o trabalho no campo e com a figura do peão. A pesquisadora da Universidade de Pelotas, Juliana Porto Machado, explica que a criação de gado tem uma forte ligação com os jesuítas, que vieram para o Brasil no século XVI, especialmente para catequizar os índios. Aqui, usavam o gado para a alimentação e, ao serem expulsos do País no final do século 16, depois de um acordo entre Portugal e Espanha, deixaram grandes rebanhos de gado e cavalos.

Posteriormente, a região passou a ser ocupada por parte dos portugueses. No século XVIII, com a fixação das fazendas e o início das atividades de gado, os rebanhos passaram por um processo de domesticação.

Para auxiliar neste processo e no manejo do gado, foi necessária a fabricação de utensílios que facilitassem a atividade no campo. Foi neste cenário que surgiu a figura do trançador, que com destreza e habilidade, passou a fabricar peças de couro, incluindo o laço.

Em Lages, a produção de laço tem uma forte identidade histórico-cultural com o Bairro Santa Helena, que foi ocupada no início do século passado. Essa localidade foi povoada, basicamente, por moradores advindos da região de Anita Garibaldi, Cerro Negro, Campo Belo e Capão Alto, região esta que também cultivava traços marcantes do tradicionalismo gaúcho. E é nesta região, onde se concentra grande parte dos “fazedores de laço”.

Cerro Negro é o maior produtor nacional

Em Cerro Negro, uma cidadezinha com cerca de 4 mil moradores, a atividade é praticada por um grande número de famílias. Os artesãos cerronegenses mantêm viva a cultura e a tradição, além disso, enxergam na atividade um meio de sobrevivência. Dados indicam que a fabricação de laço artesanal envolve cerca de 100 famílias do município. Todas trabalham de maneira informal.

Antônio de Jesus, de 55 anos, atua na atividade desde garoto. Com os olhos fixos nas tiras de couro e sentado sobre um banquinho de madeira, forrado com o pelego, Tio Tonho, como é conhecido, manuseia o que ele chama de “maquinha” – uma estrutura de madeira e ferro usada para trançar o laço. Morador na área urbana do município, ele conta que atua na atividade há 45 anos. Aprendeu a trançar com o pai, já falecido e hoje produz laços de seis tentos ou 18 braças.

Após preparar a matéria-prima vinda do abatedouro, Tio Tonho, com muita paciência, demonstra habilidade nos dedos para entrelaçar os tentos. Todo o processo de produção, desde a limpeza do couro até o trançado, é feito manualmente. Além de tiras, obviamente, o laço recebe uma fita de chumbo para dar peso à peça, um fino fio de plástico para deixá-la firme, além de cola para grudar os tentos.

Basicamente, a arte de trançar laço é passada de pai para filho. Para não deixar a arte morrer, Tio Tonho ensinou o filho, Alessandro de Jesus.

Ambos trabalham juntos em um pequeno galpão, nos fundos da residência. O dia deles começa cedo e só termina quando escurece.





A dupla produz em torno de 20 laços por mês. As peças são comercializadas na região e em feiras agropecuárias, por atravessadores. “Enquanto eu tiver força e saúde, vou continuar a lidar com laço. Não podemos deixar a cultura morrer”.

A maior parte dos trançadores cerronegenses está no interior do município. Na família Ferreira, na localidade de Serrinha, a tradição passa de geração para geração e se tornou a principal fonte de renda, além de expressar a cultura e os costumes do povo. Seu Canózio, 50, herdou o ofício do pai e exerce a atividade há cerca de 40 anos. Produz laço com 12 braças (18 metros). As peças são vendidas para intermediários.

Um saber ameaçado pela modernidade

Atualmente, o trançado manual do laço está ameaçado pelo avanço tecnológico. Por conta do processo de industrialização e do surgimento de novas máquinas, a confecção de laço artesanal pode desaparecer. Atualmente, já é possível ver muitos artesãos usando máquinas industriais, principalmente para aumentar a produção.

Sebastião, 55, Sidnei, 37 e Eriton, irmãos e sobrinho de de Canózio, respectivamente, contam que, há cerca de quatro meses, a família comprou, em São Paulo, uma máquina para trançar laço. Objetivo é aumentar o volume de produção. O equipamento teve um custo de cerca de 10 mil. Diariamente, produz cerca de cinco peças.

Apesar da facilidade do aumento da produção, Sidnei revela que a qualidade laços fabricados na máquina é inferior. “Não está dando certo. A qualidade do laço não é a mesma. O que é feito na máquina quebra com maior facilidade e exige material (tentos) mais resistentes. Os compradores preferem o laço trançado à mão”, afirma Sidnei.

O artesão Ademir Barbosa sustenta que o número de trançadores está diminuindo com o tempo. Ele concorda que a prática tende a desaparecer, e aponta a máquina possa substituir o trabalho manual que se perdura por séculos. “A maioria das pessoas está fabricando só nas máquinas”, afirma.

Outros fatores foram determinantes para o enfraquecimento da atividade. Falando especificamente de Lages, num passado recente, os artesãos que lidavam com artesanato de couro tentaram se organizar através do cooperativismo a fim de criarem melhorias de trabalho. O projeto, porém, não prosperou, o que acabou desestimulando e afastando muitos artistas da atividade. O projeto beneficiaria cerca de 200 artesãos de Lages, muitos deles lidavam com a produção artesanal de laço. Além disso, muitos artesãos, pressionados pela fiscalização, tiveram que suspender as atividades na cidade.

Ademir afirma que não é qualquer pessoa que lida com laço. Pai de três filhos, ele demonstra pessimismo ao comentar sobre o futuro da arte de trançar, mesmo assim, defende e tem esperança que, pelo menos um de seus filhos, vai seguir o ofício. “Lidar com couro não é fácil. A gente torce que a profissão continue, mas eu duvido que essa piaçada de hoje em dia queira largar o computador para fazer o que a gente faz”, enfatiza.

“Lidar com couro não é fácil. A gente torce que a profissão continue, mas eu duvido que essa piaçada de hoje em dia queira largar o computador para fazer o que a gente faz.” – Ademir Barbosa, artesão

<https://clmais.com.br/superando-desafios-familias-mantem-a-arte-de-fabricar-lacos-de-couro/>





Economia local

Comércio

Agricultura

Pecuária

Artesanato em couro

Artesanato em couro

Publicado em 10/09/2015 às 15:17 - Atualizado em 10/09/2015 às 15:18

Nossa cidade também destaca-se pelo artesanato em couro, muitos de nossos munícipes no interior sobrevivem através dessa renda, ainda um pouco desvalorizada no mercado, mas com grande importância para o meio tradicionalista da região serrana, principalmente na serra catarinense



<https://www.cerronegro.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/65897>





CERTIDÃO NEGATIVA



Certifico, atendendo à solicitação, por e-mail, do Senhor Marcel Salomon, Assessor Legislativo do Deputado Fabiano da Luz, que revendo as Leis e os Projetos de Lei arquivados nesta Coordenadoria, constatei que inexistia no Estado de Santa Catarina Lei outorgando a Municípios Catarinenses a denominação de "Capital Catarinense do Laço de Couro Cru"; bem como, outra adjetivação para o Município de Cerro Negro. E, para constar, eu, Maria Ivonete Lessa, Coordenadora da Coordenadoria de Documentação da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, lavrei a presente certidão, nesta cidade de Florianópolis, aos 05 (cinco) dias do mês de março do ano de 2021 (dois mil e vinte e um) a qual por mim vai visada.....


Maria Ivonete Lessa
Coordenadora





DEVOLUÇÃO

Após respondida a diligência, usando os atributos do Regimento Interno (Resolução nº 001/2019) em seu artigo 144, devolve-se o presente Processo Legislativo PL./0069.0/2021 para a Senhora Deputada Marlene Fengler, para exarar relatório conforme prazo regimental.

Sala da Comissão, em 17 de março de 2022

Chefe de Secretaria